



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

**ÓRFÃOS DA PANDEMIA:
HISTÓRIAS DE VÍTIMAS DA COVID-19 EM RELATOS SENSÍVEIS**

Beatriz Lima Leal
Orientadora Professora Dra. Ana Carolina Kalume Maranhão

Brasília, dezembro, 2023.

BEATRIZ LIMA LEAL

ÓRFÃOS DA PANDEMIA: histórias de vítimas da Covid-19 em relatos sensíveis

Monografia apresentada ao Departamento de Jornalismo como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Professora Orientadora: Dra. Ana Carolina Kalume Maranhão

Brasília, dezembro, 2023.

BEATRIZ LIMA LEAL

ÓRFÃOS DA PANDEMIA: histórias de vítimas da Covid-19 em relatos sensíveis

A comissão examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso de
Jornalismo da Universidade de Brasília da aluna

Beatriz Lima Leal

Prof. Dra. Ana Carolina Kalume Maranhão
Professor- Orientador

Prof. Dr. Paulo Henrique Soares de Almeida
Professor-Examinador

Prof. Dra. Renata Giraldi
Professor-Examinador

Brasília, 18 de dezembro de 2023

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Erivan de Almeida Leal, que sempre será o meu maior exemplo de perseverança. Papai tinha alegria de viver, mas também tinha pressa. Pressa porque provavelmente, de alguma forma, ele sabia que sua passagem por essa vida seria rápida.

Papai não vivia sem a família, os amigos, as viagens e, com certeza, sem a música. Ele acordava cantarolando ou assobiando alguma canção, ou até mesmo um ritmo que ele criou e continuamos a reproduzi-lo aqui em casa.

Inúmeras vezes eu escutei meu pai dizer "eu sou tão feliz" ao viver coisas simples, como um domingo ensolarado que ele escutava suas músicas preferidas. E gosto de lembrar dele assim.

Acredito que, além do amor, as diversas músicas que escutamos juntos durante a vida que nos manterá conectados até o nosso reencontro.

Também dedico este trabalho a todos que perderam a vida na pandemia, e a todos que também sofreram pela partida de entes queridos que morreram devido a complicações da Covid-19.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Erivan de Almeida Leal, que sempre fez de tudo para me ver feliz e foi a inspiração para este trabalho.

À minha mãe, Katia Farias Lima Leal, por sempre me dar forças e torcer por mim.

Aos meus irmãos e à minha avó, por me apoiarem em todos os momentos.

À minha orientadora, Ana Carolina Kalume Maranhão, por me auxiliar no desenvolvimento deste trabalho, além de toda a compreensão e sensibilidade demonstradas desde o início.

À minha psicóloga, por todo o suporte dado em todas as áreas da minha vida.

A todos meus amigos, colegas e professores que conheci durante o curso de Jornalismo na Universidade de Brasília.

À Universidade de Brasília, por todas as vivências e conhecimentos adquiridos.

A Bruna Marques e Livya Pereira, pela gentileza de compartilharem as suas histórias e de seus pais comigo.

*“Tomara que a tristeza te convença
Que a saudade não compensa
E que a ausência não dá paz
Que o verdadeiro amor de quem se ama
Tece a mesma antiga trama
Que não se desfaz
E a coisa mais divina
Que há no mundo
É viver cada segundo
Como nunca mais”
Vinicius de Moraes*

RESUMO

A chegada do vírus causador da Covid-19 foi confirmada no Brasil no final de fevereiro de 2020, e a atuação do governo federal da época, somado ao negacionismo propagado pelo próprio, e ao desconhecimento dos órgãos de saúde sobre tratamentos eficazes, teve como consequência mais de setecentas mil mortes. O presente trabalho traz quatro relatos de vida de vítimas da pandemia de Covid-19 no País, pela ótica de seus filhos agora órfãos. O objetivo é homenagear e dar visibilidade a pessoas que foram frequentemente reduzidas a números de estatísticas na imprensa e nas mídias sociais. Por meio da metodologia de álbum de família e entrevistas em profundidade, é possível recordar e contar histórias interrompidas pelo SARS-CoV-2. Dar voz aos filhos dessas pessoas é uma forma de reafirmar a existência de seus pais.

Palavras-chave: narrativa; relatos; Covid-19; pandemia; obituário.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVOS.....	17
2.1 Objetivo geral.....	17
2.2 Objetivo específico.....	17
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
5. RESULTADOS ESPERADOS.....	24
6. ERIVAN DE ALMEIDA LEAL.....	25
7. ANTÔNIO GILMÁRIO ANTUNES MARQUES.....	36
8. LIANORA ROSA PEREIRA DE SOUZA.....	44
9. JAIRO MARCÍLIO DE SOUZA.....	49
10. ANÁLISE.....	55
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Erivan, em casa, no seu último aniversário, em 2020

Fotografia 2 - Erivan em Buriti Bravo (MA)

Fotografia 3 - Erivan em seus primeiros anos em Brasília

Fotografia 4 - Formatura em administração na Universidade Católica de Brasília

Fotografia 5 - Erivan e Katia em viagem para Salvador (BA) em 1995

Fotografia 6 - Casamento de Erivan e Katia, em 27 de julho de 1996

Fotografia 7 - Erivan, Caroline e Katia no aniversário de quatro anos da filha

Fotografia 8 - Erivan e Beatriz em seu batizado

Fotografia 9 - Beatriz, Katia, Erivan e Caroline em apresentação da escola

Fotografia 10 - Caroline, Katia, Beatriz, Erivan e Bruno

Fotografia 11 - Erivan em sua casa, seu lugar preferido

Fotografia 12 - Comemoração do aniversário de Diva na casa de Erivan e família

Fotografia 13 - A família passando férias em Arraial D'Ajuda (BA) em 2019

Fotografia 14 - Erivan em viagem a Lisboa, Portugal

Fotografia 15 - Erivan e Katia na Disney

Fotografia 16 - A família na Disney

Fotografia 17 - Erivan em mergulho no mar durante viagem a Porto de Galinhas (PE)

Fotografia 18 - Erivan, Beatriz e Katia na formatura do ensino médio da caçula em 2018

Fotografia 19 - Beatriz, Erivan, Katia e Caroline em seu último natal juntos, em 2020

Fotografia 20 - Erivan, Beatriz, Katia e Caroline em 2020

Fotografia 21 - A família na formatura de Beatriz no ensino médio, em 2019

Fotografia 22 - Antônio Gilmário na sua Primeira Eucaristia na Igreja Católica, no Ceará

Fotografia 23 - Antônio com seus filhos, Bruna e Giovanni

Fotografia 24 - Antônio Gilmário

Fotografia 25 - Dom Gil dançando forró

Fotografia 26 - Antônio com sua irmã preferida, Ana Marques, e os sobrinhos

Fotografia 27 - “Dom Gil”

Fotografia 28 - Bruna com o pai durante sua infância

Fotografia 29 - Antônio em família

Fotografia 30 - Antônio, Bruna, e os netos, João Paulo e Júlia

Fotografia 31 - Antônio com a família na celebração do seu aniversário

Fotografia 32 - Antônio na frente da rua nome de seu pai, Francisco Antunes Marques, em Independência (CE)

Fotografia 33 - A família

Fotografia 34 - Antônio com Bruna no colo

Fotografia 35 - Lianora Rosa

Fotografia 36 - Jairo e Lianora em seu casamento

Fotografia 37 - Lianora, Livya, Jairo e Luiza na festa de 15 anos de Livya

Fotografia 38 - A família no batizado da Luiza, filha caçula

Fotografia 39 - A família reunida em viagem à cachoeira

Fotografia 40 - Lianora Rosa Pereira de Souza

Fotografia 41 - Jairo Marcílio de Souza

Fotografia 42 - Jairo com as filhas

Fotografia 43 - Jairo em foto tirada pela filha mais velha, Livya

Fotografia 44 - O casamento de Lianora com Jairo

Fotografia 45 - Jairo com Livya, no aniversário de 18 anos da filha

Fotografia 46 - Jairo com Livya, em sua festa de 15 anos

Fotografia 47 - Jairo com Livya e Luiza (no colo)

Fotografia 48 - A família celebrando a compra de um novo carro

Fotografia 49 - Jairo e Lianora recém casados

Fotografia 50 - A família celebrando o aniversário de Jairo

Fotografia 51 - Livya com o relicário em sua formatura

1. INTRODUÇÃO

A chegada do novo coronavírus ao Brasil foi anunciada pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020, tendo o primeiro caso sido registrado na cidade de São Paulo, primeiro epicentro da Covid-19 no País. O homem de 61 anos deu entrada em um hospital paulistano após voltar de uma viagem para a Itália com sintomas da doença. As principais queixas de pacientes com a Covid-19, na época, eram tosse, falta de ar, febre, dor de cabeça, dores musculares, confusão mental, irritação na garganta e desconforto no peito.

Logo, o então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, passou a dar orientações à população diariamente acerca da prevenção, essas que foram repassadas pelos meios de comunicação em todo o território brasileiro. As recomendações incluíam basicamente medidas básicas de higiene, como lavar as mãos com água e sabão, utilizar lenço descartável, cobrir o nariz e a boca com lenço de papel quando espirrar ou tossir e jogá-lo no lixo, além de evitar de tocar olhos, nariz e boca, usar álcool em gel, não compartilhar itens pessoais – como talheres e copos –, e manter a hidratação.

A indicação do uso de máscaras e luvas e demais equipamentos de proteção individual (EPIs) primeiramente era restrita a profissionais da área da saúde, pessoas com sintomas ou infectadas pelo Sars-CoV-2, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Pessoas sem sintomas não precisavam circular de máscara, como informou a médica infectologista Nancy Bellei, consultora da Sociedade Brasileira de Infectologia, em entrevista ao programa Visão CNN. Apesar disso, logo após a confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, farmácias registraram a grande demanda e falta de EPIs e álcool em gel, como reportado pela CNN Brasil em 27 de fevereiro de 2020.

O Ministério da Saúde veio a público recomendar o uso de máscaras pela população pela primeira vez em 1º de abril de 2020. Porém, Luiz Henrique Mandetta deixou claro que deveria-se optar pelo equipamento de proteção individual feito com materiais alternativos, como tecido, preservando as máscaras N95 e cirúrgicas para os profissionais da linha de frente.

No Distrito Federal, tornou-se obrigatório o uso de máscaras de proteção a partir de 30 de abril de 2020, com multa de R\$2 mil prevista a quem fosse flagrado sem o item. “A obrigatoriedade do uso passa a valer em todos as vias e espaços públicos, transportes públicos coletivos, estabelecimentos comerciais, industriais e espaços de prestação de serviço”, informou o Governo do Distrito Federal (GDF) por meio do Decreto nº 40.648, publicado em edição extraordinária do Diário Oficial do Distrito Federal (DODF) em 23 de abril de 2020.

Outra medida indicada para evitar a propagação do SARS-CoV-2 foi a do isolamento social: ficar em casa a maior parte do tempo, saindo apenas para atividades essenciais. E quando estivesse em espaços públicos, praticar o distanciamento de cerca de dois metros de outras pessoas.

Tais procedimentos eram reforçados diariamente na cadeia midiática de rádio, televisão e internet, mas não acatados por uma parcela da população, que tinha o Presidente da República como referência. Jair Bolsonaro usou erroneamente as máscaras de proteção, negou a gravidade da pandemia e foi contra os protocolos de prevenção.

Como o governo federal não tomava medidas eficientes para conter a Covid-19, os governos estaduais e municipais passaram a decretar quarentena, *lockdowns* ou horários de funcionamento mais restritos para comércios e espaços públicos.

Mesmo com a OMS e o Ministério da Saúde recomendando o uso de máscaras como um dos meios de combate à transmissão do novo coronavírus, a população brasileira assistiu diariamente pela televisão e pelas mídias sociais o descaso do então Presidente da República, Jair Bolsonaro, em relação à pandemia e às medidas de prevenção nas coletivas de imprensa que ocorriam diariamente nos finais de tarde, com atualizações sobre a situação da Covid-19 no Brasil.

E, com tal ineficiência do governo federal e o fato da Covid-19 ser uma nova enfermidade, os casos e as mortes causadas foram aumentando. No dia 9 de maio de 2020, já se acumulavam mais de 155 mil casos e 10 mil mortes. A marca de 100 mil vítimas do novo coronavírus foi registrada em 8 de agosto de 2020. Esta era considerada por especialistas a primeira onda da pandemia, datada de abril a novembro de 2020.

A segunda onda teve início em meados de novembro de 2020 e veio acompanhada do surgimento de novas variantes ao País, como a P.1, que teve origem em Manaus, Amazonas. Naquele ano, o Brasil somou 194.949 vítimas da Covid-19. Já completavam-se dez meses do anúncio da chegada da pandemia.

A Covid-19 tornou-se mais letal em 2021. A segunda onda de casos sobrecarregou ainda mais o sistema de saúde que já passava por dificuldades, tendo como resultado 619.056 mortes ao decorrer do ano. Em janeiro, o gráfico de casos confirmados só aumentava mais e mais, tendo como seus causadores os encontros de fim de ano de várias famílias, e festas de Réveillon ao redor do Brasil, que subestimaram o poder de estrago do SARS-CoV-2.

Na primeira semana do ano de 2021, foram registrados 359 mil novos casos e já se acumulavam 202 mil mortes. Assim começava o ano no Brasil marcado pela segunda e mais mortal onda de Covid-19, que cresceu expressivamente a quantidade hospitalizações e mortes, e causou colapso de sistemas de saúde ao redor do País, como o de Manaus (AM), onde pessoas infectadas morreram por asfixia devido à falta de cilindros de oxigênio nos hospitais em janeiro. Até o final do mês de fevereiro, o número de novos casos notificados não ficou abaixo de 300 mil. Porém, o ápice da contaminação foi em março: o Brasil atingiu a marca de 539 mil novos registros na semana entre os dias 21 e 27.

A primeira aplicação de uma vacina contra o novo coronavírus no Brasil ocorreu no dia 18 de janeiro de 2021, em São Paulo. O imunizante ‘Coronavac’, desenvolvido pelo Instituto Butantan e pela empresa farmacêutica Sinovac, foi o primeiro a ser aprovado para uso emergencial pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Em seguida, foram as vacinas da Astrazeneca em parceria com a Fiocruz, a Janssen, do laboratório Johnson & Johnson, e o imunizante da Pfizer em parceria com a BioNTech.

Os grupos de risco foram prioridade na vacinação: profissionais da área da saúde que atuavam na linha de frente, idosos, indígenas, imunossuprimidos, grávidas, puérperas, pessoas com comorbidades (como diabetes e hipertensão), profissionais da segurança pública, educação, serviço de limpeza urbana, motoristas e cobradores de transportes públicos ou

escolares. A aplicação do imunizante foi dividida por faixas etárias, tendo prioridade as pessoas mais velhas.

A chegada da vacina ao Brasil foi lenta, não por culpa dos pesquisadores envolvidos no seu desenvolvimento, mas sim por culpa de um governo negacionista que desmerecia a ciência e botava à prova a letalidade do vírus. Jair Bolsonaro inúmeras vezes foi contra as medidas de contenção da pandemia, além de ignorar a gravidade da situação brasileira perante a Covid-19, incentivar o uso de medicamentos sem eficácia comprovada no combate ao vírus, dificultar a compra de vacinas e desestimular a procura pelo imunizante no País.

Em depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia de Covid-19 no dia 27 de maio de 2021, o diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas, afirmou que o Brasil poderia ter sido o primeiro País do mundo a vacinar sua população contra o SARS-CoV-2.

Eu mandei um ofício, no dia 30 de julho de 2020, em que ressaltamos a importância de tomar essa iniciativa num momento em que ainda não se tinha vacina. Ofertamos, naquele momento, 60 milhões de doses, que poderiam ser entregues no último trimestre de 2020. Um pouquinho depois, como não houve aí uma resposta efetiva, nós reforçamos o ofício. (COVAS, 2021).

De acordo com o relatório final da CPI da Covid, instaurada no período de 13 de abril a 26 de outubro de 2021 para investigar a atuação do governo e de empresas durante a epidemia do novo coronavírus no Brasil,

[...] o governo federal foi omissivo e optou por agir de forma não técnica e desidiosa no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus, expondo deliberadamente a população a risco concreto de infecção em massa. (BRASIL, Senado Federal, 2022).

No total, foram 80 indiciamentos: 78 pessoas e duas empresas. Entre os indiciados, estão o ex-presidente Jair Bolsonaro, pelos crimes de epidemia com resultado morte (art. 267, § 1º); infração de medida sanitária preventiva (art. 268, caput); charlatanismo (art. 283); incitação ao crime (art. 286); falsificação de documento particular (art. 298); emprego irregular de verbas públicas (art. 315); prevaricação (art. 319, todos do Código Penal); crimes contra a humanidade, nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos (art. 7º, parágrafo 1, b, h e k, e parágrafo 2, b e g, do Tratado de Roma (Decreto nº 4.388, de 2002); violação de direito social (art. 7º, item 9); incompatibilidade com dignidade, honra e

decoro do cargo (art. 9º, item 7) e crimes de responsabilidade previstos na Lei nº 1.079, de 10 de abril de 1950.

Até a data de conclusão da CPI, o número de mortos pela Covid-19 chegou à marca de 607.694 mil. Tal número é definitivamente expressivo, mas não tem o mesmo significado para todos. Para as famílias que foram abaladas com a perda de um ou mais entes queridos para o vírus, essas seis centenas representam a dor, o luto, a angústia e a revolta. Para quem não compadece com a dor alheia ou não foi atingido diretamente, um suspiro de alívio e até mesmo, egoísmo, por aquele sentimento não pairar em seus lares.

Com a chegada dos lotes de vacina e a sua aplicação em todo o território nacional, os casos foram controlados, e gradativamente, diminuídos. No Distrito Federal, mais de 8 milhões de doses já foram distribuídas até abril de 2023.

O coordenador da Fiocruz, Carlos Machado de Freitas, confirma a redução de casos graves da Covid-19 após a aplicação da vacina, em matéria publicada pelo portal online da Fiocruz.

Em primeiro lugar, a vacinação, como uma medida de saúde pública, foi fundamental na redução da transmissão e da evolução da doença para quadros críticos e óbitos. A estratégia da vacinação foi fundamental, e, se tivéssemos mais vacinas desde o início, certamente, a mortalidade seria menor e teríamos evitado um colapso no sistema de saúde como aquele que presenciamos entre março e julho do ano passado. (FREITAS, 2022).

Em toda a pandemia, os meios de comunicação foram essenciais para a difusão de informações e também para o entretenimento de milhões de pessoas que evitavam sair de suas residências em respeito às medidas de restrição impostas. Principalmente as redes de televisão foram importantes para atualizar diariamente a população sobre a quantidade de novos casos, taxas de transmissão, número de mortes e novas orientações a seguir.

Os jornalistas tornaram-se porta-vozes da dor alheia, e também, da superação. Lamentavam a perda dos entes queridos de seus telespectadores, e selecionavam alguns deles para vir a público compartilhar a história de quem foram aquelas pessoas. Isso não ocorreu apenas na televisão, mas também na internet, como é o caso do portal Inumeráveis, criado para perpetuar a história daqueles que tiveram suas vidas interrompidas pela Covid-19.

No artigo *Memoriais on-line às vítimas da Covid-19 no Brasil: narrativas sensíveis à dor alheia*, de Sonia Aguiar, são estudadas as formas como meios de comunicação transmitiram as histórias de quem morreu na pandemia, e como tais vítimas tiveram homenagens em rede nacional, protagonismo anteriormente deixado apenas para figuras públicas.

[...] os testemunhos e as narrativas sensíveis tornados públicos nos memoriais on-line em homenagem às vítimas da Covid-19 tornam-se um novo acontecimento. Inúmeras pessoas saíram do anonimato para as telas da TV em rede nacional ao terem suas mortes mediadas nesses memoriais. Nestes, a morte como acontecimento perde força diante da enunciação do que o morto foi e fez em vida. Anônimos são repentinamente alçados à categoria de falecidos notabilizados, não por velórios e funerais majestosos com os das celebridades artísticas e políticas, mas, qual tal estes, pelas “narrativas que reconstroem trajetórias de vida, que, com a morte, são ressignificadas, dramatizadas e espetacularizadas. (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p. 201).

No ano de 2023, o Brasil acumula mais de 700 mil mortes causadas pela SARS-CoV-2. Desta forma, o presente trabalho se justifica pela necessidade de honrar as histórias de vítimas da Covid-19, pois seus familiares viram seus entes queridos tornarem-se apenas números aos olhos do governo, da mídia e da população em geral.

Permanecer sensível a tantos casos e mortes na pandemia, a certo ponto, tornou-se uma raridade entre aqueles que não foram afetados diretamente, afinal, infelizmente a crescente de números não era mais uma novidade para despertar espanto ou compaixão.

Com a flexibilização das medidas de contenção do contágio do SARS-CoV-2 no DF, em julho de 2020, o uso da máscara – frequentemente realizado de forma errônea – e a disponibilização de pontos com álcool gel tornaram-se a máxima de cuidados, como se o vírus da Covid-19 já não tivesse atingido mais de 1,8 milhões de pessoas em todo o País.

Assim, o trabalho tem como objetivo contar a história de quatro das centenas de milhares de vítimas da Covid-19. Os narradores serão pessoas que conheciam esses indivíduos minuciosamente, que conviviam com eles diariamente: seus filhos. Os órfãos da pandemia mostram que 700 mil pessoas são um grande número para estatísticas e 700 mil vidas, 700 mil pessoas que perderam a luta contra o novo coronavírus. Tais mortes em grande parte poderiam ter sido evidentemente evitadas.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O presente trabalho tem como objetivo contar a história de vítimas da pandemia de Covid-19, por meio do relato de seus filhos. Os chamados órfãos da pandemia têm a possibilidade de mostrar a vida das famílias afetadas pelas mortes, como forma de lançar luz à negligência e ao descaso empreendido pelo governo federal na gestão da pandemia principalmente durante os anos de 2020 e 2021.

2.2 Objetivo específico

- Investigar e sistematizar as histórias de vítimas fatais da Covid-19 entre março e junho de 2021, por meio das narrativas de seus filhos, como forma de dar voz àqueles afetados diretamente pela pandemia.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico para o presente trabalho será baseado nas obras de autores que dissertam sobre narrativa e jornalismo, suas diferenças e como estes influenciam um ao outro, e também sobre obituários. Assim, os trabalhos de Luiz Gonzaga Motta (2005), Maria Ester de S. R. Sartori (2018), Gérard Genette (1989), Willian Vieira (2017), Rondelli e Herschmann (2000) são fundamentais para o desenvolvimento.

O jornalista, desde o início, é um contador de histórias reais, de nascimentos a mortes, de acidentes a celebrações. Ele registra e publica os mais diferentes tipos de acontecimentos que são relevantes para o público saber. Como afirma Luiz Gonzaga Motta em *Jornalismo e configuração narrativa da história do presente*,

o jornalista narra continuamente a história do presente imediato, uma história fugidia, inacabada, aberta, mas, uma história. Negar às narrativas jornalísticas o caráter de história é fazer coro com a atitude positivista que negou à atualidade a dignidade de história, como nos diz o historiador P. Nora. (MOTTA, 2005)

Porém, as narrativas deste trabalho são referentes ao passado, baseadas nas histórias e vivências de seus filhos com seus pais, resgatadas da própria memória e de álbuns de fotografias de família, que carregam registros dos mais variados momentos. Em *Entre tempo, memória e história se constroem as narrativas do passado, memória e escrita: um encontro*, Maria Ester de S. R. Sartori afirma que

a memória presume uma temporalidade que tem como síntese a história vivida. A história vivida para alguns fica no arquivo, no registro oficial e no fato em si, para outros na lembrança, registrada em papel, fotografias, sentimentos, cartas, diários pessoais, registros de viagem, enfim, de muitas formas que as mantêm conservadas aguardando para ser lembradas. (SARTORI, 2018)

Apesar das histórias aqui contadas terem acontecido no mesmo contexto – a pandemia de Covid-19 – cada narrador terá uma perspectiva diferente, devido a fatores sociais e culturais. A vida de cada um desses indivíduos foi diferente, até chegarem ao denominador comum, e, infelizmente, tornarem-se vítimas do coronavírus.

A busca de quem se narra é se conhecer e ser reconhecido pela escrita, como em um jogo de espelhos, trançando-se a existência do narrador e de seu personagem no mesmo novelo da lembrança, como um fenômeno individual e íntimo, mas que não tem seus nós atados apenas no que lhe é próprio ou pessoal, e sim nas tramas de

fenômenos construídos coletivamente e submetidos a mudanças e flutuações. (SARTORI, 2018)

Em *Discurso da Narrativa* (1989), Gérard Genette afirma que a narrativa representa um acontecimento ou uma série destes, reais ou fictícios, por meio da linguagem, principalmente a escrita. Genette argumenta que a maneira como esses eventos são apresentados é crucial para a compreensão e interpretação da história. Além disso, o autor declara que “história e narração só existem para nós, pois, por intermédio da narrativa.” (GENETTE, 1989)

O autor começa analisando a relação entre o autor, o narrador e o leitor. Ele destaca que o autor é o responsável por criar o texto, mas é o narrador que efetivamente conta a história dentro do texto. O leitor é aquele que interpreta o texto e atribui significado aos eventos narrados. O narrador, por sua vez, pode ser um personagem dentro da história (narrador personagem) ou um observador externo (narrador observador), ponto de vista escolhido para o presente trabalho.

Genette também explora o conceito de focalização, que se refere ao ponto de vista a partir do qual a história é narrada. Ele identifica três tipos de focalização: focalização zero, focalização interna e focalização externa. A focalização zero ocorre quando o narrador tem acesso a todas as informações e perspectivas dos personagens. A focalização interna acontece quando o narrador tem acesso apenas às percepções e conhecimentos de um ou mais personagens. A focalização externa ocorre quando o narrador tem um conhecimento superior aos personagens. Neste trabalho, a abordagem será a focalização interna.

Além disso, Genette analisa a relação entre tempo da história e tempo do discurso. Ele discute como o tempo pode ser comprimido, estendido ou omitido na narrativa, e como diferentes técnicas temporais podem afetar a percepção do leitor em relação à passagem do tempo na história.

A narrativa usada neste trabalho tem como uma de suas referências os textos obituários. O obituário é um texto escrito em homenagem a uma pessoa que morreu.

Geralmente, é publicado em jornais, revistas, sites ou outros meios de comunicação com o objetivo de informar o público sobre a morte de alguém e prestar uma homenagem póstuma.

Tal tipo de texto costuma incluir informações básicas sobre a pessoa, como o nome completo, data e local de nascimento, data e local da morte, além de detalhes sobre o velório e o sepultamento. Além disso, é comum que o obituário traga uma breve biografia da pessoa, destacando seus principais feitos, características marcantes, interesses, carreira, relacionamentos e outros aspectos relevantes de sua vida.

Os obituários podem ser escritos por familiares, amigos próximos, jornalistas ou profissionais contratados especificamente para esse fim. Eles servem como uma forma de honrar e lembrar a pessoa morta, compartilhando sua história e impacto na comunidade. Também oferecem uma oportunidade para que as pessoas expressem condolências e ofereçam suporte à família enlutada.

Este trabalho tem como motivador honrar as histórias de quatro pessoas que morreram por uma pandemia que poderia ter sido controlada. Como um obituário, trazer à tona a trajetória de cada uma destas vítimas é uma forma de não deixá-las caírem no esquecimento.

Os obituários viriam preencher o vazio simbólico deixado pelos epitáfios, que já não davam conta da necessidade popular por narrativas de vida e morte mais complexas, cujo caráter romanesco, incentivado pelo aumento da leitura e pelo consumo cada vez mais difundido da imprensa, era demandado. (VIEIRA, 2017)

Willian Vieira, ainda afirma em *Obituário ontem e hoje: do biográfico fast food a uma "literatura de jornal"* (2017), que o obituário compartilha a mesma mensagem na sequência da memória: sobrevive à natureza efêmera do jornalismo para encontrar seu lugar nas coletâneas. Ao transformar a vida comum em algo simbólico e metafórico, através do uso de temas tradicionais e de uma trama reconhecível, o obituário adquire um estatuto único, ao combinar o anedótico com o exemplar-universal, o mítico com o referencial, o cotidiano com o sublime. Preenchida por esses personagens e eventos que são apresentados como clichês discursivos, narrativas que conjugam o universal e o peculiar, o anedótico e o exemplar, ganham vida para além do âmbito jornalístico.

Vieira (2017) também analisa o impacto da era digital nos obituários. Com o surgimento das redes sociais e a disseminação da informação em tempo real, as pessoas têm mais facilidade em compartilhar e obter informações sobre as mortes. Isso influenciou a forma como os obituários são escritos e compartilhados, levando a uma maior diversidade de estilos e abordagens.

Devido à grande quantidade de informações que fluem diariamente nos meios de comunicação, os fatos noticiados acabam se perdendo na memória. Em um País onde já haviam morrido dezenas de milhares de pessoas no primeiro trimestre de pandemia, a notícia do aumento de mortes tornou-se comum.

A mídia, em geral, é pensada como um dispositivo que leva ao enfraquecimento e esfacelamento da memória e não como uma dimensão na qual a amnésia e a memória podem coexistir e se relacionar, mesmo que de forma tensa e contraditória. (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000)

Por isso, urge a necessidade de trazer à tona histórias detalhadas da vida de quatro vítimas fatais da Covid-19. Vieira (2017) examina como os obituários evoluíram de simples relatos biográficos para uma forma de expressão mais complexa e artística. Ele aborda como os obituários passaram de textos curtos e padronizados, que apenas relatavam informações básicas sobre a vida de uma pessoa que morreu, para uma verdadeira "literatura de jornal".

Em *Obituário ontem e hoje: do biográfico fast food a uma "literatura de jornal"* (VIEIRA, 2017), destaca-se como, atualmente, os obituários têm se tornado mais pessoais, envolvendo histórias e detalhes sobre a vida e as conquistas dos indivíduos mortos. Eles não se limitam mais a uma lista de fatos, mas sim capturam a essência e a singularidade da vida de cada pessoa. Os obituários podem ser muito mais do que simples registros burocráticos, mas verdadeiras narrativas da vida humana.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia proposta no presente trabalho é composta por uma pesquisa qualitativa, formada por entrevistas em profundidade, e a análise por meio de álbuns de fotos de família, que nortearão as narrativas aqui expostas. Os entrevistados são formados pelos órfãos da pandemia de Covid-19: pessoas que perderam o pai ou a mãe para a doença, e um caso onde a filha perdeu ambos.

De acordo com Roswitha Breckner (2014, p. 304),

a narrativa forma experiências a partir de uma perspectiva presente mediante processos de recordação de acontecimentos passados, enquanto as fotos são vestígios do passado com o potencial de reanimar facetas de experiências que ainda não estão articuladas.

A metodologia de álbum de família consiste na observação das fotos das vítimas ao longo de suas vidas, tendo como auxílio as entrevistas em profundidade com seus filhos, para entender o contexto da época. Tal procedimento metodológico tem como norteador a bibliografia, visto que as fotografias de família permitem trazer o passado ao presente.

As imagens são fontes históricas de abrangência multidisciplinar e que [...] não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. (KOSSOY, 1989, p.21)

As narrativas sensíveis trazem à tona pessoas que tornaram-se apenas números na visão do governo e de tantas pessoas que não foram afetadas diretamente pela pandemia. O uso de álbuns de fotos é uma maneira de recordar e contar histórias silenciadas pela negligência e ignorância.

Algumas imagens são difíceis de ser revisitadas. Evitá-las é uma estratégia para abafar as lembranças e as ausências, já que rever uma imagem pode gerar mais tristezas que boas memórias. A saudade, que se origina da distância física ou geográfica de um ente querido ou da lembrança dos bons momentos vividos no âmbito familiar, é posta em suspenso quando a imagem não obriga a reviver situações e momentos indesejáveis. Assim, as fotografias ficam guardadas, embora estejam prontas para ser resgatadas diante do desejo de superar os efeitos negativos que elas possam causar (LUZ, 2013, p.74).

Dar voz aos filhos dessas pessoas é uma forma de reafirmar a existência de seus pais. Os relatos detalhados da vida de cada uma das vítimas, desde a infância até a morte, evidenciam a importância e o impacto que estas pessoas tiveram em vida, e o legado que deixaram para seus herdeiros.

Os procedimentos metodológicos serão divididos por tempo, em ordem cronológica. Os espaços delimitados para a pesquisa foram o Distrito Federal e o estado do Espírito Santo. A primeira etapa será a narrativa sobre o servidor público aposentado Erivan de Almeida Leal, pai da autora deste trabalho, que morreu em um dos meses mais fatais da pandemia no Brasil – março de 2021, que apresentou o maior número de novos casos de contágio até então, 539.903.

A segunda etapa tem a jornalista Bruna Oliveira Marques como relatora da história de seu pai, Antônio Gilmário Antunes Marques, vítima da Covid-19 em abril de 2021. Na semana desta morte, foram registrados 408.124 novos casos da doença.

As últimas narrativas são realizadas pela estudante Livya Pereira de Souza, que teve ambos seus pais, o motorista de aplicativo Jairo Marcílio de Souza, e sua mãe, a dona de casa Lianora Rosa Pereira de Souza, como vítimas da pandemia em junho de 2021.

Abrir os álbuns de fotos destas famílias e escutar a biografia de cada uma das vítimas é uma oportunidade de relembrar os momentos bons registrados nas fotografias e resgatar memórias, abafadas pelo sofrimento de não ter mais essas pessoas em vida.

5. RESULTADOS ESPERADOS

A partir da presente monografia, espera-se que aumente a conscientização sobre o impacto da pandemia em famílias de todo o Brasil. Ao compartilhar histórias reais de vítimas, é possível criar empatia e solidariedade entre as comunidades.

Além disso, o trabalho dá voz às vítimas e suas famílias, permitindo que sejam ouvidas e compreendidas. O presente texto oferece um espaço para que as pessoas honrem as vidas de seus entes queridos e compartilhem seu luto, tragédia e dor. Ao trazer à tona as histórias das vítimas, pode-se ajudar a promover um senso de comunidade e solidariedade entre aqueles que também perderam entes queridos para a Covid-19.

Ao dar visibilidade às histórias das vítimas da Covid-19, o trabalho pode ajudar a preservar sua memória e legado. Ao compartilhar suas histórias, essas pessoas podem ser lembradas como mais do que apenas estatísticas.

É importante ressaltar que os resultados podem variar dependendo do alcance e da abrangência do trabalho, bem como do público-alvo e dos canais de divulgação utilizados para compartilhar essas histórias.

6. ERIVAN DE ALMEIDA LEAL

Nascido em 29 de dezembro de 1959, na pequena cidade de Buriti Bravo (Maranhão), Erivan de Almeida Leal foi uma das vítimas da Covid-19. Filho de Izabel Cardoso Leal e Raimundo de Almeida Leal, o terceiro mais novo entre os 18 filhos do casal, Erivan teve uma infância simples, onde ajudava os pais na fazenda da família – chamada Inharé, nome vindo de uma madeira de espécie florestal típica do estado. Alfabetizado apenas aos dez anos de idade, Erivan concluiu seus estudos ao chegar em Brasília, em 1973, em busca de melhores condições de vida, aos 17 anos.



Fotografia 1 - Erivan, em casa, no seu último aniversário, em 2020

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 2 - Erivan em Buriti Bravo (MA)

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 3 - Erivan em seus primeiros anos em Brasília

Fonte: acervo pessoal

Cidade onde se estabeleceu e construiu sua família e carreira, Brasília era o lugar preferido de Erivan. Ao chegar na capital, dividiu apartamento com mais três amigos conterrâneos. Após concluir seus estudos por meio de um ensino supletivo, ele dividiu seu tempo entre trabalho e estudos, conseguindo ingressar em uma universidade no ano de 1983 – foi aprovado em três cursos: administração, direito e odontologia na Universidade Católica de Brasília. Erivan optou por administração, pois conseguiria ir à faculdade no período noturno, enquanto trabalhava durante o dia para arcar com os custos do curso e para se manter na cidade.



Fotografia 4 - Formatura em administração na Universidade Católica de Brasília

Fonte: acervo pessoal

O próximo passo depois de se formar como administrador foi estudar para um concurso público, em busca de estabilidade financeira. Erivan foi aprovado em concursos distritais, e mais tarde, no concurso federal do Departamento Nacional de Produção Mineral

(DNPM, atual Agência Nacional de Mineração), onde atuou por cerca de trinta anos. Em busca de melhores oportunidades, Erivan tornou-se corretor de imóveis em 2009, carreira que conciliou com a carreira de servidor público e dedicou-se totalmente após se aposentar, em 2019.

Erivan foi marido de Katia Farias Lima Leal, com quem compartilhou sua vida de julho de 1993 até março de 2021, quando foram separados pela Covid-19. Pai de Bruno Carvalho Leal (34 anos), Caroline Lima Leal (26 anos) e Beatriz Lima Leal (23 anos), Erivan fez sempre tudo o que esteve ao seu alcance para dar as melhores oportunidades aos seus filhos. Erivan levava sua vida de maneira prática e bastante racional, mas não deixava de demonstrar seu carinho e amor por todos aqueles que o cercavam, família e amigos.



Fotografia 5 - Erivan e Katia em viagem para Salvador (BA) em 1995

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 6 - Casamento de Erivan e Katia, em 27 de julho de 1996

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 7 - Erivan, Caroline e Katia no aniversário de quatro anos da filha

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 8 - Erivan e Beatriz em seu batizado

Fonte: acervo pessoal

Frequentemente seus filhos o escutavam falar sobre suas paixões, que eram: sua família e música. Erivan sempre dizia que sua vida era movida a música, sendo San Francisco, de Scott McKenzie, a sua preferida. Ele também gostava muito de Alceu Valença, Phil Collins, das bandas Bee Gees, Asa de Águia e The Fevers (a qual ele prometia trazer para animar algum de seus aniversários), de forró, MPB e de pop internacional das décadas de 1960 a 1980. Além disso, era comum escutar Erivan cantarolando e assobiando durante o dia – ele era uma pessoa muito animada, que o natural fato de estar vivo era motivo de alegria. Dançar (mesmo de seu jeito engraçado e desengonçado, batendo os pés e as mãos) era algo que fazia com frequência.



Fotografia 9 - Beatriz, Katia, Erivan e Caroline em apresentação da escola

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 10 - Caroline, Katia, Beatriz, Erivan e Bruno

Fonte: acervo pessoal

Erivan gostava de reunir-se com os amigos às sextas-feiras para jogar sinuca, ou para churrascos em sua casa, lar no Lago Sul onde morou com Katia e as filhas desde 2004. Ele era muito sociável, fazendo amizade com todos os vizinhos da rua do condomínio onde morava, e conversando com pessoas que sentavam-se ao seu lado nas poltronas de avião, por

exemplo. Ele também gostava bastante de viajar, e entre os seus lugares preferidos estavam as praias, principalmente as do nordeste brasileiro, lugar para o qual fazia questão de ir com a família durante o verão, estação que mais gostava pelo equilíbrio do calor e das chuvas.



Fotografia 11 - Erivan em sua casa, seu lugar preferido

Fonte: acervo pessoal



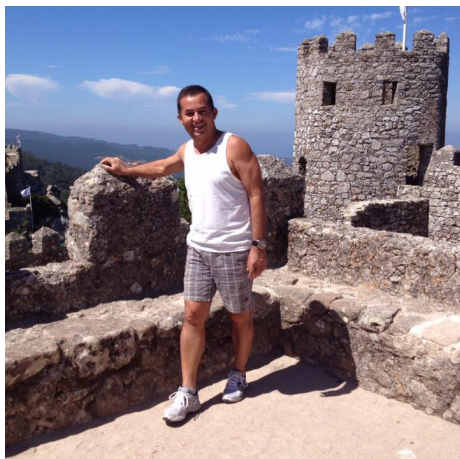
Fotografia 12 - Comemoração do aniversário de Diva na casa de Erivan e família

Fonte: acervo pessoal



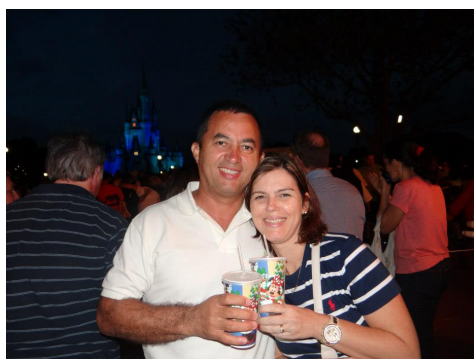
Fotografia 13 - A família passando férias em Arraial D'Ajuda (BA) em 2019

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 14 - Erivan em viagem a Lisboa, Portugal

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 15 - Erivan e Katia na Disney

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 16 - A família na Disney

Fonte: acervo pessoal

Erivan também era um grande entusiasta da natureza, gostando de assistir a documentários sobre vida selvagem. Admirar dias ensolarados, noites estreladas e pores do sol estavam entre as coisas simples que ele via tanto valor. Erivan gostava de comer laranjas e tirar cochilos após o almoço, gostava de compartilhar frutas e plantar árvores frutíferas com a família também. Erivan gostava de estudar e aprender coisas novas, sendo comum se interessar em ler textos de filosofia e sociologia que Beatriz deixava pela casa ao estudar para provas da escola, ou se dedicar a aprender a falar inglês após os cinquenta anos. Seu time de futebol era o Flamengo, assistindo aos jogos todas as quartas-feiras e domingos. Uma de suas comidas favoritas era carne-de-sol, que muitas vezes ele mesmo fazia artesanalmente em casa.



Fotografia 17 - Erivan em mergulho no mar durante viagem a Porto de Galinhas (PE)

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 18 - Erivan, Beatriz e Katia na formatura do ensino médio da caçula em 2018

Fonte: acervo pessoal

Desde a declaração oficial da chegada da pandemia ao Brasil, Erivan permaneceu em casa com sua família, tomando os devidos cuidados – isolamento e distanciamento social, uso

de máscara e álcool em gel quando era necessário sair, e todas as demais recomendações para não contrair o vírus. Mas, em março de 2021, o coronavírus chegou ao seu lar, contaminando todos. Sendo ele o último a apresentar sintomas, Erivan recusou-se a acreditar em “tratamento precoce” e todas as demais desinformações desenfreadamente espalhadas principalmente na internet, seguindo os protocolos recomendados apenas por médicos.



Fotografia 19 - Beatriz, Erivan, Katia e Caroline em seu último natal juntos, em 2020

Fonte: acervo pessoal

Após o diagnóstico positivo para Covid-19, toda a família passou a ser acompanhada particularmente por uma infectologista, para garantir a melhora e boa recuperação de todos. No nono dia de sintomas, Erivan apresentou febre e pouca falta de ar, sendo internado no décimo primeiro dia pois a falta de ar era crescente. Levado à unidade de terapia intensiva (UTI) no dia seguinte, Erivan passou a ficar bastante ansioso, constantemente questionando os médicos e enfermeiros sobre seu estado de saúde, demonstrando muita preocupação. Tendo contato escasso somente pelo celular de profissionais do hospital, Erivan fez uma chamada de vídeo com a mulher e as filhas na quinta-feira, 18 de março, onde esteve bem debilitado porém com a família crendo em sua melhora. No dia 19 de março, outra ligação foi feita – mal sabiam ele e a família que aquela seria a última vez que se falariam – na qual Erivan autorizou sua intubação e conversou brevemente com Katia, Caroline e Beatriz. Após o processo de intubação, Erivan teve duas paradas cardiorrespiratórias, a primeira, de 45 minutos, e a segunda, de dez minutos. A família só soube do ocorrido após a ligação do hospital para informar seu boletim médico.



Fotografia 20 - Erivan, Beatriz, Katia e Caroline em 2020

Fonte: acervo pessoal

Em seguida, foi iniciado o protocolo para verificar seus sinais vitais e reflexos, todos sem sucesso. Para concluir o diagnóstico de morte encefálica (causada pelas paradas cardiorrespiratórias), era necessário realizar uma série de exames, que somente foram realizados na outra quinta-feira, 25 de março, quando a família contratou um médico neurologista particular, afinal não aguentavam mais a agonia de não ter respostas sobre o real estado de saúde de Erivan. Katia, sua mulher, conseguiu (após muita insistência), visitar seu marido na UTI, na sexta-feira, 26, quando pôde se despedir.

Na madrugada do sábado, 27 de março de 2021, Beatriz recebeu uma ligação da administração do hospital onde Erivan estava internado, solicitando a entrega de seus documentos. Beatriz logo perguntou se o pai havia morrido, e teve a fria resposta “não sei informar, sou apenas da área administrativa”. Ao seguir para o hospital, chocava a frieza com que ela e a mãe foram recebidas pelo médico plantonista, que prontamente falou “quem vai entrar para reconhecer o corpo?”, sem formalmente serem informadas sobre a morte do seu pai, e marido. Aquela, que seria a pior noite de suas vidas, estava apenas começando, afinal precisariam resolver todos os processos no hospital e na funerária.

A pedido do próprio Erivan, seu corpo foi cremado, e suas cinzas, guardadas. A família não pôde despedir-se de maneira justa do pai, marido, irmão e amigo que perderam, afinal velórios e demais cerimônias fúnebres não estavam permitidas para mais de cinco pessoas.

Pouco mais de um ano após sua morte, em 2 de junho de 2022, Beatriz, Katia e Ludelvina Diva, sogra de Erivan, viajaram a Trancoso, vilarejo baiano onde a família passou algumas temporadas de férias, para jogar as cinzas de Erivan no mar. Como falado anteriormente, Erivan adorava estar com a família na praia, então não foi difícil para a família pensar onde poderia se despedir desta pessoa tão querida. Parte das cinzas também foi despejada durante um pôr-do-sol no lago Paranoá, em Brasília, por Caroline – a cidade onde Erivan viveu por mais de 40 anos.

Erivan é saudosamente lembrado nos almoços de família, nas reuniões de amigos, nas viagens, e no simples cotidiano. Por sua história de vida, Erivan sempre será exemplo de esforço e perseverança para seus filhos.



Fotografia 21 - A família na formatura de Beatriz no ensino médio, em 2019

Fonte: acervo pessoal

Erivan morreu sem poder ver a formatura de suas filhas na universidade, sem celebrar 25 anos de casamento com Katia, sem conhecer San Francisco, Aruba ou Jalapão, sem conduzir suas filhas ao altar em seus casamentos, sem ver o primeiro texto publicado por Beatriz oficialmente como jornalista, sem The Fevers cantando em sua festa de aniversário, e sem vacina para Covid-19.

7. ANTÔNIO GILMÁRIO ANTUNES MARQUES

Nascido em 10 de maio de 1952, na cidade de Independência, no interior do Ceará, Antônio Gilmário Antunes Marques foi vítima da pandemia de Covid-19 no Brasil. Pai de três filhos e avô de seis netos, Antônio morreu em 18 de abril de 2021.



Fotografia 22 - Antônio Gilmário na sua Primeira Eucaristia na Igreja Católica, no Ceará

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 23 - Antônio com seus filhos, Bruna e Giovanni

Fonte: acervo pessoal

Conhecido como Dom Gil, Antônio era filho de Francisco e Francisca Antunes Marques, o irmão do meio entre 11 filhos do casal. Dom Gil adorava comer as comidas típicas do Ceará, como buchada e mocotó, era torcedor do Fluminense, amava fazer churrasco, curti fazer palavras cruzadas e escutar forró.



Fotografia 24 - Antônio Gilmário

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 25 - Dom Gil dançando forró

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 26 - Antônio com sua irmã preferida, Ana Marques, e os sobrinhos

Fonte: acervo pessoal

Antônio chegou a Brasília por volta de 1968, não cursou faculdade, e a maior parte de sua vida, trabalhou como representante comercial. Nos últimos quinze anos, atuou como administrador do clube Associação Portuguesa, localizado em Taguatinga (DF).



Fotografia 27 - “Dom Gil”

Fonte: acervo pessoal

Antônio conviveu com a filha até o momento que se divorciou de Miraci Marques, até então sua mulher. A relação com Bruna ficou com ruídos por cinco anos, mas ambos voltaram a se falar depois de um esforço de sua ex-mulher, que viria a morrer no ano seguinte, deixando Dom Gil viúvo com o filho do casal, Giovanni que tinha sete anos de idade na época.



Fotografia 28 - Bruna com o pai durante sua infância

Fonte: acervo pessoal

Dom Gil tinha um bom coração, ajudava todos toda vez que podia. Bruna não falava com seu pai todos os dias, mas eles sempre tinham notícias um do outro. Ele não participou do casamento da filha por receio da reação da sua ex-mulher, mas ajudou Bruna a comprar um apartamento – o que ela acredita ter sido a maneira do pai de compensar a ausência.



Fotografia 29 - Antônio em família

Fonte: acervo pessoal

Dom Gil e Bruna passaram a conviver mais após ele sofrer um Acidente Vascular Cerebral (AVC) em 2019. Desta época em diante, ele precisou de mais cuidados com a saúde, além de auxílio com questões da aposentadoria.

Antônio amava os netos, sempre perguntava por eles, mas tinha um carinho maior pelo caçula, o chamava de Joãozinho e frequentemente comprava presentes para o neto. Ele jogava na loteria toda semana e adorava fazer planos, sonhava alto.



Fotografia 30 - Antônio, Bruna, e os netos, João Paulo e Júlia

Fonte: acervo pessoal

O anúncio da chegada da pandemia pegou vários os brasileiros de surpresa, incluindo Antônio. Sempre cuidadoso consigo mesmo e com o filho, Dom Gil tomou cuidado extra devido ao seu recente AVC e se preveniu como pôde: máscara, álcool em gel e isolamento social.

Preocupado com a pandemia, Antônio acabou acreditando na série de inverdades divulgadas pelo então Presidente da República, Jair Bolsonaro, por exemplo, que o uso de azitromicina seria um tratamento precoce para a Covid-19. Apesar de seguir as ideias do ex-presidente, estava ansioso pela vacina.



Fotografia 31 - Antônio com a família na celebração do seu aniversário

Fonte: acervo pessoal

A Covid-19 bateu à sua porta em 11 de março de 2021, quando Antônio foi atendido por um médico infectado pelo coronavírus ao realizar um exame de próstata no Hospital Regional de Taguatinga (HRT). No dia do exame, combinou com Bruna, de se proteger para ir ao hospital: usou máscara, levou álcool e não encostou em nada. Ele morava perto do HRT e foi andando para evitar qualquer tipo de contato diferente.

Uma semana depois, ele já estava com os sintomas e não levou a sério os pedidos da filha para ir ao hospital. Então, Bruna mandou mensagem para o seu irmão, que morava com o pai, pedindo pra ele solicitar a ambulância, e escutou que todas suas ações eram exageradas. Até o último minuto, Dom Gil negou que estava com Covid-19, alegando ser uma crise do nervo ciático e uma leve gripe.

Dias depois, Antônio enviou uma mensagem a Bruna lhe pedindo comida. A filha explicou que só poderia levar no fim do dia, mas que já estava cozinhando a carne que ele gostava. Duas horas depois, Dom Gil, já com a voz fraca e sem ar, mudou o pedido para apenas frutas. Após esse áudio, Bruna não esperou até o fim do dia e foi de encontro ao pai, tomando os cuidados que conseguiu no momento.

Ao chegar no apartamento, a filha viveu um choque: viu seu pai deitado numa cama quebrada, sem tomar banho há dias, com a janela fechada. Ao ver a situação em que ele se encontrava e do ambiente, entendeu que ele não se alimentava há dias. Ao encontrar a sonda de Antônio cheia, teve que ele estava com Covid-19, só não imaginava o quanto era grave.

Bruna ligou para ambulância e não encontrou uma disponível, sendo orientada pelo médico a levar seu pai ao hospital mais próximo. Dom Gil se trocou, pegou os documentos e foi com a filha para o hospital. Ainda esperando o elevador, ele não aguentou ficar em pé e caiu no colo de Bruna. Sozinha, a filha não sabia o que fazer e entrou em pânico. Um vizinho de Antônio viu a situação e sugeriu que ela ligasse para a ambulância de novo, pois se ele fosse de carro, teria que esperar.



Fotografia 32 - Antônio na frente da rua nome de seu pai, Francisco Antunes Marques, em Independência (CE)
Fonte: acervo pessoal



Fotografia 33 - A família

Fonte: acervo pessoal

Bruna acatou a ideia e ligou novamente. Não tinham ambulâncias disponíveis e insistiu com a médica, explicando que seu pai já estava deitado no hall do prédio onde morava e que precisava de ajuda. Dois minutos depois, a médica informou que tinha uma ambulância a caminho e que demoraria seis minutos para chegar, uma eternidade para Bruna e Antônio. Ele estava sem ar, debilitado, deitado no chão frio. A ambulância chegou e já fizeram os primeiros atendimentos, a médica colocou o oxímetro e Antônio estava com 79% de saturação.

A filha solicitou para levarem o pai para o HRT, mas os médicos e demais profissionais na ambulância explicaram que iam levar Antônio para onde tivesse vaga, pois estava um caos nos hospitais, afinal começava ali um novo pico de Covid-19 em Brasília. Bruna entrou na ambulância com o pai e foram três hospitais na tentativa de surgir uma vaga, onde encontraram no Hospital Regional de Ceilândia.

A médica que o recebeu também se chamava Bruna e explicou à filha toda a situação. Disse que ele devia estar entrando no sétimo dia da doença, que ficaria internado e era para ela torcer para ele não precisar de uma unidade de terapia intensiva (UTI), pois não havia vaga disponível. A médica ainda falou para Bruna se despedir do pai sem tocá-lo, para não correr o risco de ser contaminada. A filha não obedeceu a ordem da médica e abraçou seu pai, prometeu que voltaria para tirá-lo dali, como fez quando ele teve o AVC. Antônio estava assustado ao ver o cenário do hospital: pessoas sendo intubadas, sem ar, sem rumo, mortas no corredor.



Fotografia 34 - Antônio com Bruna no colo

Fonte: acervo pessoal

Aquela foi a última vez que Bruna viu Dom Gil. Um senhor de cabelos brancos e olhos verdes, assustado, usando apenas uma bermuda e camiseta, calçando um chinelo velho. Bruna foi se distanciando, vendo o pai ele aflito, enquanto a médica te tirava do local.

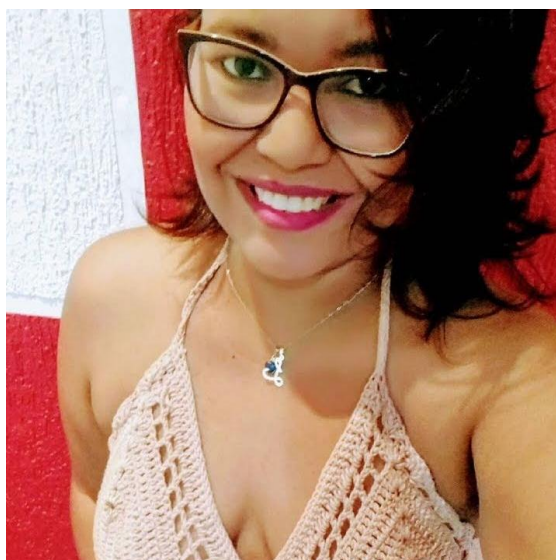
Antônio já tinha preparado tudo para voltar ao trabalho na Portuguesa assim que tomasse a primeira dose da vacina. Mas ele foi intubado no dia que começaram a aplicar a vacina para as pessoas com 68 anos.

Antônio morreu sem acertar os seis dígitos da mega-sena para ajudar seus filhos e sobrinhos, sem dar uma viagem para os irmãos e familiares para a cidade onde nasceu, e sem voltar a trabalhar no clube Associação Portuguesa.

8. LIANORA ROSA PEREIRA DE SOUZA

Lianora Rosa Pereira nasceu dia 7 de setembro de 1980, no município de Vila Velha, no Espírito Santo. Lianora foi vítima da Covid-19 no dia 6 de junho de 2021, e morreu deixando duas filhas e o marido, que posteriormente também morreu em decorrência do novo coronavírus.

A capixaba cresceu e morou a maior parte de sua vida no município de Viana, na região metropolitana de Vitória. Caçula de três irmãs, ela concluiu o ensino médio e fez curso técnico na área de contabilidade, mas não chegou a exercer a profissão.



Fotografia 35 - Lianora Rosa
Fonte: acervo pessoal

Lianora tinha mãos habilidosas para o artesanato e voz para o canto, e deixava esse dom lhe guiar ao cantar na igreja. Ela sempre teve contato muito próximo com a igreja presbiteriana, frequentando o espaço ao lado de sua irmã mais velha, participando de viagens e eventos, além dos tradicionais cultos dominicais.

E foi em um evento da igreja que Lianora conheceu Jairo, em 1997. O casamento veio após um namoro de dois anos, em dezembro de 1999. Com Jairo, ela teve duas filhas: Livya Pereira de Souza, nascida em 2001, e Luiza Rosa Pereira de Souza, em 2004. Lianora e Jairo eram muito apaixonados e unidos. Eles se apoiavam, apoiavam as filhas, e faziam de tudo pelo bem da família.



Fotografia 36 - Jairo e Lianora em seu casamento

Fonte: acervo pessoal

Após o casamento, Lianora seguiu frequentando a igreja, cantando nos cultos, e passou a lecionar crianças na escola dominical. Ela também chegou a trabalhar em uma loja de vestidos de noiva, o que lhe despertou o interesse para a costura – Lianora tinha o desejo de aprender a costurar com o intuito de fazer vestidos para essa ocasião tão especial que é o casamento.

Lembrada com muito carinho por ser uma pessoa alegre, cuidadosa, companheira, amiga, amorosa, talentosa, e com o coração enorme, Lianora gostava muito de assistir séries, se exercitar das mais diversas formas, passear nos shoppings de Vitória, e sair com as amigas e com a família. Ela mantinha o pulso firme, defendia suas opiniões e lutava pelo que acreditava.

Sua relação com Jairo e as filhas era ótima. Por ele estar trabalhando fora de casa na maior parte do tempo, Lianora passava grande parte dos dias – principalmente os fins de semana – com Livya e Luiza. Elas três brincavam muito, conversavam bastante, cozinhavam juntas também.



Fotografia 37 - Lianora, Livya, Jairo e Luiza na festa de 15 anos de Livya

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 38 - A família no batizado da Luiza, filha caçula

Fonte: acervo pessoal

A vida da família mudou bastante a partir do momento em que Lianora foi diagnosticada com Lúpus, uma doença autoimune, no ano de 2019. Desde então, o marido e as filhas a acompanhavam em idas constantes ao hospital, para realizar consultas e exames médicos – e a família jamais a deixou ficar desanimada durante o tratamento.



Fotografia 39 - A família reunida em viagem à cachoeira

Fonte: acervo pessoal

Quando a pandemia foi declarada oficialmente no Brasil, Lianora ficou com muito medo não só por ter Lúpus e saber que fazia parte do grupo de risco, mas também temeu pelos seus pais, já idosos.

Pela condição de Lianora, a Sars-CoV-2 era ainda mais temida por ela e por sua família, afinal, a matriarca fazia parte do grupo de risco. Apesar de todos os cuidados tomados, o Jairo Marcílio não pôde ficar em completo isolamento social, visto que era chefe de família, então precisou voltar a trabalhar como motorista de aplicativo.

A Covid-19 chegou ao lar de Lianora, Jairo Marcílio, Livya e Luiza em maio de 2021. No início, a mãe não apresentou sintomas, exceto febre. Por mais que Lianora já tivesse tomado a primeira dose da vacina de combate ao novo coronavírus, o agente infeccioso agiu com mais intensidade no organismo dela, devido à sua condição autoimune.

Por ter apenas um sintoma, Lianora permaneceu em casa com as filhas, também diagnosticadas com Covid-19. Jairo Marcílio, seu marido, foi internado no hospital por apresentar sinais mais graves da doença.

No dia 6 de junho de 2021, Lianora morreu após ter uma parada cardíaca, devido a uma embolia pulmonar (até então desconhecida) causada pela Covid-19, e agravada pelo Lúpus.

Lianora não viu as filhas concluírem a faculdade, não realizou o desejo de também se graduar em um curso na universidade, nem o de aprender a costurar vestidos de noiva.



Fotografia 40 - Lianora Rosa Pereira de Souza
Fonte: acervo pessoal

A voz de Lianora foi calada por um vírus muito negligenciado pelo governo brasileiro na época. Lianora deixou as filhas, o marido, os pais idosos, as irmãs e as amigas que cultivava desde o ensino médio. E, vinte dias após sua partida, Lianora encontrou Jairo na eternidade.

9. JAIRO MARCÍLIO DE SOUZA

Nascido em 8 de setembro de 1974, em Iúna, no sul do estado do Espírito Santo, Jairo Marcílio de Souza foi vítima do coronavírus no dia 26 de junho de 2021. Pai de duas meninas, Livya Pereira de Souza e Luiza Rosa Pereira de Souza, Jairo foi casado com Lianora Rosa Pereira de Souza, que também morreu em decorrência da Covid-19.



Fotografia 41 - Jairo Marcílio de Souza

Fonte: acervo pessoal

Filho de Judite de Melo Souza e João Marcílio de Souza, Jairo era o caçula de três irmãos. O capixaba trabalhou em lavouras de café até os 19 anos de idade, quando migrou para a capital Vitória na companhia da sua mãe e do seu irmão. Ele não mediu esforços para manter-se na cidade, trabalhando em um trailer vendendo salgados, em restaurantes como garçom, e em ônibus como cobrador. Grande apreciador de churrasco, Jairo também foi gerente em uma churrascaria na capital por mais de uma década.



Fotografia 42 - Jairo com as filhas

Fonte: acervo pessoal



Fotografia 43 - Jairo em foto tirada pela filha mais velha, Livya

Fonte: acervo pessoal

Aos 23 anos, em 1997, conheceu Lianora em um evento da igreja que frequentavam. Eles se apaixonaram, e namoraram por cerca de dois anos, selando o casamento em dezembro de 1999. Com ela, Jairo teve duas filhas, Livya, em 2001, e Luiza, em 2004.



Fotografia 52 - O casamento de Lianora com Jairo

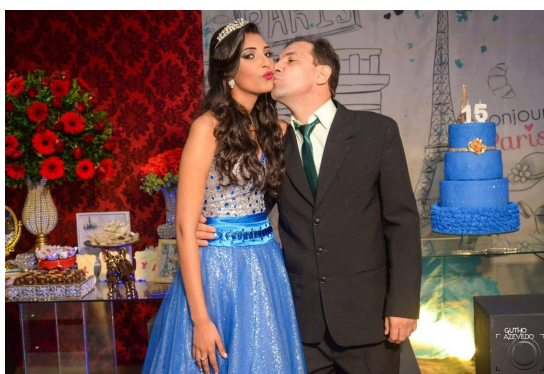
Fonte: acervo pessoal



Fotografia 45 - Jairo com Livya, no aniversário de 18 anos da filha

Fonte: acervo pessoal

Conhecido por ser atencioso, carinhoso e por ter um bom coração, Jairo era aquele amigo a qual todos recorriam quando precisavam contar com alguém. Bem antenado nos principais acontecimentos do mundo, o capixaba sabia desenvolver uma conversa sobre qualquer assunto que trouxesse à mesa.



Fotografia 46 - Jairo com Livya, em sua festa de 15 anos

Fonte: acervo pessoal

Jairo também era um grande apreciador do café, tomando a bebida várias vezes ao dia. Por ter trabalhado durante anos em lavouras do grão, ele entendia bastante sobre a bebida amarga tão comum para os brasileiros.

Apegado à família, ele gostava bastante de passar tempo com todos aqueles que amava. Sempre que podia, Jairo passava na casa do irmão que morava perto, seja para tomar um café e relembrar o passado na roça, seja para ver o sobrinho-neto, ainda bebê.

Pai amoroso com suas filhas, Jairo tinha uma relação muito próxima com ambas. Conhecia bem a personalidade e o gosto de cada uma, acertando em cheio na hora de escolher um presente, por exemplo. Jairo não brigava, nem discutia com as filhas, mas era bastante exigente quando educação, comportamento e disciplina entravam em pauta. O pai tinha muito orgulho de suas meninas, fazendo questão de comemorar cada conquista – quando Livya foi aprovada para cursar fisioterapia na faculdade, Jairo contou a todos ao seu redor sobre o ocorrido, com muita alegria.



Fotografia 47 - Jairo com Livya e Luiza (no colo)

Fonte: acervo pessoal

A família tinha o dia-a-dia bastante agitado, mas ocorreu uma mudança na vida de todos um pouco antes da pandemia de Covid-19 ser uma realidade. No ano de 2019, Lianora foi diagnosticada com Lúpus, uma doença autoimune, então Jairo e as filhas passaram a revezar dias e horários para ficar com a mãe no hospital para consultas e internações, além dos cuidados e adaptações em casa.



Fotografia 48 - A família celebrando a compra de um novo carro

Fonte: acervo pessoal

Sempre em boa relação, a situação que Lianora enfrentava fez a família ficar cada vez mais unida. E, quando foi declarada a chegada da Covid-19 no Brasil, os cuidados foram redobrados, afinal a mulher de Jairo e mãe de Livya e Luiza era portadora de uma condição autoimune que a deixava mais sensível a doenças infecciosas, fazendo parte do grupo de risco em relação ao novo coronavírus.



Fotografia 49 - Jairo e Lianora recém-casados

Fonte: acervo pessoal

Apesar de todos os cuidados tomados em casa, Jairo precisou voltar a trabalhar como motorista de aplicativo, afinal, ele quem sustentava a casa. Em maio de 2021, a Covid-19 chegou ao lar de Jairo, Lianora, Livya e Luiza. Por todos os demais membros da família serem saudáveis, a preocupação maior era com a matriarca da família.

No dia 3 de junho de 2021, Jairo teve tosse com sangue, e, assustado, encaminhou-se para o hospital e foi internado. O pai de Livya e Luiza permaneceu no local por mais de três semanas, e morreu devido a complicações da Covid-19 no dia 26 de junho de 2021, vinte dias após a morte de sua mulher, Lianora.

Jairo não voltou para casa. Jairo morreu sem realizar o sonho de cursar história, sem ver Lyvia em seu primeiro emprego, sem ver suas filhas concluírem as graduações na universidade, e sem vê-las felizes nas profissões que escolheram.



Fotografia 50 - A família celebrando o aniversário de Jairo

Fonte: acervo pessoal

Lyvia, a primogênita do casal, encontrou em um relicário a maneira de sempre ter os pais consigo, inclusive na sua formatura no curso de fisioterapia.



Fotografia 51 - Livya com o relicário em sua formatura

Fonte: acervo pessoal

10. ANÁLISE

As histórias de vítimas da Covid-19 relatadas neste trabalho evidenciam como a postura negligente adotada pelo governo de Jair Bolsonaro corroborou para a morte não só de Erivan, Antônio, Lianora e Jairo, mas de aproximadamente 700 mil brasileiros.

Os filhos, cônjuges e demais familiares não puderam dar o último adeus a seus entes queridos da forma comum e digna: velórios estavam proibidos, assim como sepultamentos eram bem restritos – com caixões lacrados e presença de no máximo cinco pessoas, por exemplo.

os rituais fúnebres são imprescindíveis para a elaboração do luto, isso porque auxiliam as famílias a concretizarem a morte de seu ente, ao mesmo tempo que prestigia a dignidade no momento da morte. (CABRAL et. al, 2020)

As histórias aqui relatadas tiveram semelhanças como o período em que ocorreram – 2021, na segunda onda de Covid-19, o adeus negado aos familiares e amigos queridos, e a falta de vacina, com exceção de Lianora que já havia recebido a primeira dose por fazer parte do grupo de risco (imunossuprimidos).

Por meio das fotos nos álbuns de família, foi possível mergulhar nas histórias e conhecer um pouco mais sobre as vítimas homenageadas neste trabalho. Nas entrevistas em profundidade, foi notável a revolta e indignação dos órfãos da pandemia em relação às atitudes do então Presidente da República Jair Bolsonaro, que debochou e menosprezou da gravidade da Covid-19 diversas vezes em rede nacional e transmissões ao vivo em suas redes sociais, além de dificultar a chegada da vacina ao Brasil.

A pandemia deixou nas famílias de Erivan, Antônio, Jairo e Lianora a dor irreparável da perda de cada um deles, a saudade e a lista de sonhos interrompidos por mortes que poderiam ter sido evitadas.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Setecentos mil mortos em uma pandemia foi um marco ao qual os brasileiros não deveriam ter assistido. Setecentas mil famílias atingidas, em luto por perderem entes queridos para um vírus, foram menosprezadas por um governo negacionista e negligente.

A dor que eu, Beatriz, e todos os órfãos da pandemia sentimos é irreparável. Nada trará nossos pais de volta. Convivemos com o luto diariamente, que se faz mais presente em datas especiais como aniversários, festas de fim de ano e feriados em família.

Os profissionais empenhados no rápido desenvolvimento da tão esperada vacina depararam-se com o grande obstáculo que era o governo federal da época, que por diversas vezes menosprezou a ciência, ocasionando o atraso na aprovação e distribuição do imunizante, tendo como consequência mais mortes.

Foi triste perceber que a sensibilidade à magnitude dos casos de Covid-19 e mortes em decorrência da doença tornou-se uma exceção, principalmente para aqueles que não foram afetados diretamente. A repetição constante dos números, infelizmente, parece ter diminuído o poder de surpresa e compaixão que essas estatísticas deveriam evocar.

Este trabalho é um lembrete doloroso de como é crucial mantermos empatia e solidariedade mesmo diante da repetição desses trágicos números, além de homenagear àqueles que amamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Sônia. **Memoriais on-line às vítimas da Covid-19 no Brasil: narrativas sensíveis à dor alheia**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v.18, n.1, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/77189>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

ARAÚJO, Bruno Bernardo de. **A narrativa jornalística e a construção do real: como as revistas Veja e IstoÉ trataram a manifestação dos estudantes da Universidade de São Paulo em 2011**. 2012. 27 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade de Coimbra - Portugal, Coimbra, 2012. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2023.

BRASIL celebra um ano da vacina contra a Covid-19. *Portal Fiocruz*. Rio de Janeiro, 18 jan. 2022. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/brasil-celebra-um-ano-da-vacina-contracovid-19#:~:text=Entamos%20em%20mais%20um%20ano,no%20dia%2024%20de%20janeiro>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

BRASIL poderia ter sido primeiro do mundo a vacinar, afirma Dimas Covas à CPI. *Agência Senado*. Brasília, 27 mai 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CABRAL, Hideliza Lacerda Tinoco Boechat *et al.* Consequências do adeus negado às vítimas da Covid-19. **Revista Transformar**, Itaperuna, v. 14, n. 2, p. 281-303, mai/ago. 2020. Edição Especial “Covid-19: pesquisa, diálogos transdisciplinares e perspectivas. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/398>. Acesso em: 14 nov. 2023.

CANOFRE, Fernanda; CAVALCANTI, Ana. **Não são apenas números: memorial on-line honra as vítimas de Covid-19 no Brasil**. *Global Voices*. Porto Alegre, 1º jun. 2020. Disponível em: <<https://pt.globalvoices.org/2020/06/01/nao-sao-apenas-numeros-memorial-on-line-honra-as-vitimas-de-covid-19-no-brasil/>>. Acesso em: 23 mai 2023.

COVID-19 NO BRASIL. **Covid-19 Casos e Óbitos**, 2023. Página inicial. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 23 abr. 2023.

CPI da Covid sugere indiciamento de 78 pessoas e duas empresas; veja lista. *GI*. Brasília, 20 out. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/10/20/cpi-da-covid-lista-alvos-de-su-gestao-de-indiciamento.ghtml>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CPI da Covid: veja as principais conclusões do relatório final. *GI*. Brasília, 20 out. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/10/20/cpi-da-covid-veja-as-principais-conclusoes-do-relatorio-final.ghtml>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

DE GUSMÃO RODRIGUES, Ana Beatriz; DIAS GOMES, Kamilla Abely. **Jornalismo e Humanização: a escrita de homenagens às vítimas da Covid-19.** Revista Eletrônica Extensão em Debate, 12(13), fevereiro, 2023. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/extensaoemdebate/article/view/14390>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

FARMÁCIAS têm falta de máscaras após confirmação de coronavírus no Brasil. *CNN Brasil*. São Paulo, 27 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/farmacias-tem-falta-de-mascaras-apos-confirmacao-de-coronavirus-no-brasil/>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa.** 3. ed. Lisboa: Vega, 1989. 320 p. Tradução de: Fernando Cabral Martins.

JÚNIOR, Hédio Ferreira. **Uso de máscaras de proteção passa a ser obrigatório a partir do dia 30 deste mês.** *Agência Brasília*. Brasília, 23 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/04/23/uso-de-mascaras-de-protecao-passa-a-ser-obrigatorio-a-partir-do-dia-30-deste-mes/>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

MÁSCARAS servem para proteção contra o novo coronavírus? *Bem Estar, GI*. São Paulo, 27 fev. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/mascaras-servem-para-protecao-contra-o-novo-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. Histórias e teorias do jornalismo,** Niterói, n. 12, 31 jul. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17384/11021>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, [S.L.], v. 48, n. 2, p. 184-189, dez. 2014. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-623420140000800027>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt&format=html#>>. Acesso em: 22 jun. 2023.

OLIVEIRA, Elida. **Uso de máscaras diminui vírus no ambiente e pode frear 2ª onda de contaminação por coronavírus no Brasil, diz médica.** *Bem Estar, GI*. São Paulo, 02 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/02/uso-de-mascaras-diminui-virus-no-ambiente-e-pode-frear-2a-onda-de-contaminacao-por-coronavirus-no-brasil-diz-medica.ghtml>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde publica orientações para uso de máscaras durante pandemia de coronavírus. *Bem Estar, GI*. São Paulo, 07 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/07/organizacao-mundial-da-sau>>

[de-publica-orientacoes-para-uso-de-mascaras-durante-pandemia-de-coronavirus.ghtml/>](#).

Acesso em: 23 abr. 2023.

RECOMENDAÇÕES da SBPT sobre o uso de máscaras no âmbito da COVID-19. *Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia*. Brasília, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://sbpt.org.br/portal/uso-mascaras-covid19-sbpt/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

ROCHA, Lucas. **O que são ondas da Covid-19 e por que o Brasil pode estar diante da terceira.** *CNN Brasil*. São Paulo, 30 mai. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-que-sao-ondas-da-covid-19-e-por-que-o-brasil-pode-estar-diante-da-3/#:~:text=%E2%80%9CQuando%20observamos%20os%20gr%C3%A1ficos%20da,teve%20o%20pico%20em%20mar%C3%A7o>. Acesso em: 23 abr. 2023.

RONDELLI, E.; HERSCHMANN, M. A mídia e a construção do biográfico o sensacionalismo da morte em cena. *Tempo Social*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 201-218, 2000. DOI: 10.1590/S0103-20702000000100011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12326>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SARTORI, Maria Ester de S. R. **Entre tempo, memória e história se constroem as narrativas do passado, memória e escrita: um encontro.** *Itaú Cultural*. São Paulo, 10 abr. 2018. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/entre-tempo-memoria-e-historia-se-constroem-as-narrativas-do-passado>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SECRETARIA DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL. **Vacinômetro - Secretaria de Saúde do Distrito Federal**, 2023. Página inicial. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/vacinometro>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SENADO FEDERAL. **Jair Bolsonaro e outras 65 pessoas são indiciadas em relatório da CPI da Pandemia apresentado por Renan Calheiros.** Senado Federal, 20 out. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/10/20/jair-bolsonaro-e-outras-65-pessoas-sao-indiciadas-em-relatorio-da-cpi-da-pandemia-apresentado-por-renan-calheiros>. Acesso em: 3 jun. 2023.

VACINAÇÃO contra Covid-19 no Brasil completa 1 ano com grande impacto da CoronaVac na redução de hospitalizações e mortes. *Portal do Butantan*. São Paulo, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/vacinacao-contracovid-19-no-brasil-completa-1-ano-com-grande-impacto-da-coronavac-na-reducao-de-hospitalizacoes-e-mortes>. Acesso em: 24 abr. 2023.

VALENTE, Jonas. **Covid-19: Brasil adota uso de máscaras como política de saúde pública.** Agência Brasil. Brasília, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/covid-19-brasil-adota-uso-de-mascara-s-como-politica-de-saude-publica>. Acesso em: 23 abr. 2023.

VALENTE, Jonas. **Governo do Distrito Federal anuncia reabertura de bares e escolas.** Agência Brasil. Brasília, 02 jul. 2020. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-07/covid-19-governo-de-brasilia-anuncia-reabertura-de-bares-e-escolas>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

VIEIRA, Willian. Obituário ontem e hoje: do biográfico fast food a uma "literatura de jornal". **Ilha do Desterro**: Revista de língua inglesa, literaturas em inglês e estudos culturais, [S.L.], v. 70, n. 1, p. 143-159, 27 jan. 2017. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2017v70n1p143>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2017v70n1p143/33494>. Acesso em: 22 jun. 2023.